

ENSAIO SOBRE O ENTENDIMENTO HUMANO. – LIVRO II. 27 DA IDENTIDADE E DA DIVERSIDADE.

JOHN LOCKE.

Tradução: Flavio Fontenelle Loque

(Universidade Federal de Itajubá - MG). E-mail: flavioloque@yahoo.com.

O *Ensaio sobre o Entendimento Humano* foi publicado pela primeira vez em 1690 (a rigor, em dezembro de 1689, mas datado de 1690), depois que Locke retornou do exílio na Holanda. O capítulo *Da Identidade e Diversidade*, no entanto, é um acréscimo posterior, feito na segunda edição, ocorrida em 1694. Capítulo denso e extremamente difícil, o “tratado sobre a identidade”, como às vezes é chamado, possui duas traduções para o português: uma publicada no Brasil, feita por Pedro Paulo Garrido Pimenta (São Paulo: Martins Fontes, selo Martins, 2012), outra em Portugal, coordenada por Eduardo Abranches de Soveral (Lisboa: Fundação Calouste Goulbenkian, 1999), as quais foram consultadas na elaboração da presente tradução. Contudo, o cotejo mais recorrente foi com as traduções francesas de Pierre Coste e Étienne Balibar, ambas publicadas em *Identité et Différence: L'invention de la conscience* Paris: Éditions du Seuil, 1998.

A presente tradução baseou-se na seguinte obra de referência, sem dúvida a melhor edição do *Ensaio*: LOCKE, J. *An Essay concerning Human Understanding* Edited with an introduction by Peter H. Nidditch Oxford: Clarendon Press, 2011, 1ª ed. 1975. Os títulos marginais das seções do capítulo foram incorporados ao texto: eles se encontram em itálico no início de cada seção. Por fim, considerando a dificuldade da tradução de *self* (e *selves*) no sentido de *eu*, *si* ou *si mesmo*, deixei indicadas entre colchetes todas as suas ocorrências, além daquelas que, embora não possuam esse sentido técnico, também me pareceram relevantes. Agradeço ao Plínio Smith a leitura crítica e as várias boas sugestões.

Ensaio sobre o Entendimento Humano

Livro II, capítulo 27: *Da Identidade e Diversidade*

§ 1. *Em que a identidade consiste.* Outra ocasião em que a mente frequentemente realiza comparações provém do próprio ser das coisas, quando, considerando algo como existente num determinado tempo e lugar, nós o comparamos a ele mesmo existindo noutra tempo e, a partir

disso, formamos as *ideias* de *identidade* e *diversidade*. Quando vemos algo existir num certo lugar num certo instante do tempo, estamos seguros (seja ele o que for) de que é a mesma coisa e não outra que, ao mesmo tempo, existe noutra lugar, por mais parecida e indistinguível que seja em todos os outros pontos. Nisso consiste a *identidade*, quando as *ideias* às quais ela é atribuída não variam em nada do que foram naquele momento em que consideramos sua existência anterior e ao qual comparamos a presente, pois, nunca achando nem concebendo como possível que duas coisas da mesma espécie existam no mesmo lugar ao mesmo tempo, corretamente concluímos que o que quer que exista num certo lugar num certo tempo exclui todas da mesma espécie e aí se encontra, ela mesma [*it self*], sozinha. Portanto, quando perguntamos se alguma coisa é ou não a mesma, isso sempre se refere a algo que existiu num determinado tempo num determinado lugar, acerca do qual era certo que, naquele instante, era o mesmo que ele mesmo [*the same with it self*] e não outro. Disso se segue que uma coisa não pode ter dois inícios de existência, nem duas coisas um único início, sendo impossível para duas coisas da mesma espécie ser ou existir no mesmo instante no mesmíssimo lugar; ou uma e a mesma coisa, em diferentes lugares. Portanto, aquela que teve um início é a mesma coisa e a que teve um início diferente daquela no tempo e lugar não é a mesma, mas diversa. O que causou a dificuldade acerca dessa relação foi o pouco cuidado e a pouca atenção usados para se ter noções precisas das coisas às quais ela é atribuída.

§ 2. *Identidade de substâncias*. Temos *ideias* apenas de três tipos de substância: 1. Deus, 2. Inteligências finitas, 3. *Corpos*. Primeiramente, Deus não tem início, é eterno, inalterável e onipresente e, portanto, acerca de sua identidade, não pode haver dúvida. Em segundo lugar, espíritos finitos, tendo tido cada um seu determinado tempo e lugar de início da existência, a relação àquele tempo e lugar sempre determinará para cada um deles sua identidade, enquanto cada um existir.

Em terceiro lugar, o mesmo se dará com toda partícula de matéria, que, não lhe sendo feita nenhuma adição ou subtração de matéria, permanece a mesma. Apesar de esses três tipos de substâncias, como as denominamos, não se excluírem mutuamente do mesmo lugar, ainda assim não podemos conceber senão que devam necessariamente, cada uma delas, excluir do mesmo lugar toda outra da mesma espécie ou, caso contrário, as noções e nomes de identidade e diversidade seriam vãos, e não poderia haver uma tal distinção de substâncias ou de qualquer outra coisa uma da outra. Por exemplo, se dois corpos pudessem estar num mesmo lugar ao mesmo tempo, então essas duas parcelas de matéria deveriam ser uma única e a mesma, fossem elas grandes ou pequenas; mais do que isso, todos os corpos deveriam ser um único e o mesmo, pois, pela mesma razão pela qual duas partículas de matéria podem estar num único lugar, todos

os corpos podem estar num único lugar, o que, quando se pode supor, suprime a distinção entre identidade e diversidade, um e muitos, e torna-a ridícula. Contudo, sendo uma contradição que dois ou mais sejam um, identidade e diversidade são relações e maneiras de comparação bem fundadas e úteis para o entendimento. *Identidade de modos*. Sendo todas as outras coisas apenas modos ou relações que em última instância remetem a substâncias, a identidade e diversidade da existência particular de cada uma delas também serão determinadas da mesma maneira. Somente quanto às coisas cuja existência está em sucessão, tais como são as ações de seres finitos, por exemplo, *movimento* e *pensamento*, ambos consistindo numa linha contínua de sucessão, não pode haver questão acerca de sua diversidade, porque, cada uma delas perecendo no momento em que se inicia, elas não podem existir em diferentes tempos ou em diferentes lugares, como os seres permanentes podem existir em diferentes tempos em diferentes lugares; e, portanto, nenhum movimento ou pensamento, considerado como tal em diferentes tempos, pode ser o mesmo, tendo cada uma de suas partes um início diferente de existência.

§ 3. *Principium individuationis*. Do que foi dito, é fácil descobrir o que tanto se investigou, o *principium individuationis*, e que está claro que é a própria existência que determina um ser de qualquer tipo a um tempo e lugar particulares, os quais não podem ser compartilhados por dois seres da mesma espécie. Isso, apesar de parecer mais fácil de conceber para substâncias ou modos simples, quando se reflete bem, no entanto, não é mais difícil para substâncias ou modos compostos, caso se preste atenção àquilo a que se aplica. Suponhamos, por exemplo, que um átomo, isto é, um corpo contínuo com uma superfície imutável, exista num determinado tempo e lugar. É evidente que, considerado num instante qualquer de sua existência, ele é, naquele instante, o mesmo que ele mesmo [*the same with it self*]. Por ser, naquele instante, o que é e nada mais, ele é o mesmo e deve manter-se assim enquanto sua existência se mantiver: por todo esse tempo, ele será o mesmo e não outro. De maneira semelhante, se dois ou mais átomos forem unidos um ao outro numa mesma massa, cada um desses átomos será o mesmo pela regra precedente e, enquanto existirem unidos um ao outro, a massa, consistindo dos mesmos átomos, deve ser a mesma massa ou o mesmo corpo, desde que as partes nunca sejam misturadas diferentemente. Contudo, se um desses átomos for suprimido, ou um novo adicionado, ela não mais será a mesma massa ou o mesmo corpo. Quanto ao estado das criaturas vivas, sua identidade não depende de uma massa das mesmas partículas, mas de algo diferente. Nelas, a variação de grandes parcelas de matéria não altera a identidade. Um carvalho, crescendo de planta a árvore grande e depois cortado, ainda é o mesmo carvalho; um potro que se tornou cavalo, às vezes gordo, às vezes magro, é o todo tempo o mesmo cavalo,

apesar de, em ambos os casos, poder haver uma notória mudança das partes, de modo que, verdadeiramente, nenhum deles é a mesma massa de matéria, embora, verdadeiramente, um deles seja o mesmo carvalho e o outro o mesmo cavalo. A razão disso é que, nesses dois casos, o de uma massa de matéria e o de um corpo vivo, *identidade* não se aplica à mesma coisa.

§ 4. *Identidade de vegetais*. Devemos, portanto, analisar em que um carvalho difere de uma massa de matéria e essa diferença me parece residir nisto: um é somente a coesão de partículas de matéria unidas seja de que modo for; o outro, uma certa disposição delas capaz de constituir as partes de um carvalho e uma certa organização dessas partes adequada para receber e distribuir nutrição, de modo a manter e moldar a madeira, a casca e folhas, etc. de um carvalho, no que consiste a vida vegetal. Sendo, então, uma planta aquilo que tem uma certa organização de partes num corpo coerente, compartilhando uma vida comum, ela continua a ser a mesma planta enquanto compartilhar a mesma vida, apesar de essa vida ser transmitida a novas partículas de matéria vitalmente unidas à planta viva, numa organização contínua semelhante, em conformidade ao tipo de planta. Com efeito, essa organização, estando num certo instante num certo amálgama de *matéria*, distingue-se, naquele conjunto particular, de todas as outras e é a vida individual que, existindo constantemente a partir daquele momento tanto prospectiva como retrospectivamente na mesma continuidade de partes sucessivas imperceptivelmente unidas ao corpo vivo da planta, tem a identidade que constitui a mesma planta e faz de todas as suas partes partes da mesma planta durante todo o tempo em que existirem unidas na organização contínua que é adequada para propagar a vida comum em todas as partes assim unidas.

§ 5. *Identidade de animais*. O caso dos *animais* não é tão diferente e, portanto, todos podem ver o que constitui um animal e o mantém o mesmo. Temos algo parecido nas máquinas que pode servir para ilustrar isso. Por exemplo, o que é um relógio? É claro que é apenas uma organização adequada, ou estruturação de partes, para um certo fim, que, quando uma força suficiente lhe é acrescentada, ela é capaz de atingir. Se supuséssemos que essa máquina fosse um corpo contínuo, cujas partes organizadas, todas elas, fossem reparadas, incrementadas ou diminuídas por uma adição ou separação constante de partes imperceptíveis, com uma vida comum, deveríamos ter algo muitíssimo parecido com o corpo de um animal, com a diferença de que, num animal, a adequação da organização e o movimento no qual a vida consiste iniciam-se juntos, o movimento provindo de dentro; e, nas máquinas, a força, provindo perceptivelmente de fora, muitas vezes está ausente, quando o instrumento está em ordem e bem adequado para recebê-la.

§ 6. *Identidade do homem*. Isso também mostra em que a identidade de um mesmo *homem* consiste: apenas na participação da mesma vida contínua, mantida por partículas de matéria constantemente cambiantes, em sucessão, vitalmente unidas ao mesmo corpo organizado. Quem localizar a *identidade* do homem em qualquer outra coisa senão, como a dos outros animais, num corpo adequadamente organizado tomado num certo instante e, a partir desse instante, mantido numa organização vital em várias partículas de matéria sucessivamente cambiantes unidas a ele, encontrará dificuldade em fazer de um *embrião* e um idoso, um louco e um sensato, o mesmo homem por meio de uma suposição que não torne possível *Set*, *Ismael*, *Sócrates*, *Pilatos*, *S. Agostinho* e *César Bórgia* serem o mesmo homem. Se somente a *identidade* da alma constitui o mesmo homem e não há nada na natureza da matéria em razão da qual o mesmo espírito individual não possa estar unido a diferentes corpos, será possível que aqueles homens, vivendo em épocas distantes e com diferentes temperamentos, possam ter sido o mesmo homem. Essa maneira de falar deve provir de um uso muito estranho da palavra *homem*, aplicada a uma *ideia* a partir da qual corpo e formato estão excluídos. Essa maneira de falar concordaria ainda menos com as noções daqueles filósofos que admitem a transmigração e são da opinião de que as almas dos homens podem, por causa de seus malfeitos, serem postas em corpos de animais, como habitações adequadas, detentoras de órgãos apropriados à satisfação de suas inclinações bestiais. Contudo, ainda assim penso que ninguém, mesmo que estivesse seguro de que a alma de *Heliogábalo* estivesse num de seus porcos, diria que aquele porco era um *homem* ou *Heliogábalo*.

§ 7. *Identidade adequada à ideia*. Portanto, a unidade de substância não compreende todos os tipos de *identidade* ou a determinará em todos os casos. Contudo, para concebê-la e julgá-la corretamente, devemos analisar que *ideia* a palavra que a ela se aplica representa. Uma coisa é ser a mesma *substância*, outra o mesmo *homem* e uma terceira a mesma *pessoa*, se *pessoa*, *homem* e *substância* são três nomes representando três diferentes *ideias*; pois, tal como é a *ideia* pertencente ao nome, assim deve ser a *identidade*. Caso se tivesse tratado disso um pouco mais atentamente, possivelmente teria sido evitada uma boa parte da confusão que frequentemente ocorre sobre esse assunto, com dificuldades aparentes nada desprezíveis, especialmente no que concerne à *identidade pessoal*, que, por causa disso, devemos analisar um pouco a seguir.

§ 8. *Mesmo homem*. Um animal é um corpo vivo organizado e, conseqüentemente, o mesmo animal, como observamos, é a mesma vida contínua transmitida a diferentes partículas de matéria, quando estão sucessivamente unidas a esse corpo vivo organizado. O que quer que

se diga de outras definições, uma observação inteligente coloca fora de dúvida que a *ideia* nas nossas mentes, da qual o som *homem* nas nossas bocas é o signo, nada mais é senão a de um animal com uma certa forma, dado que acho que posso estar confiante de que quem vir uma criatura com formato e aspecto próprios iguais aos seus, mesmo se ela não tivesse mais razão em toda sua vida do que um *gato* ou um *papagaio*, ainda a chamaria de *homem*; ou quem ouvir um *gato* ou *papagaio* discursar, raciocinar e filosofar chamaria ou pensaria que ele é apenas um *gato* ou *papagaio*; e diria que um era um homem irracional pouco brilhante e o outro um *papagaio* racional muito inteligente. Um relato que temos de um autor de grande notoriedade é suficiente para apoiar a suposição de um *papagaio* racional. Suas palavras²⁰⁸ são as seguintes:

“Tinha intenção de saber da boca do próprio *Príncipe Maurício* a explicação de uma história recorrente e de bastante crédito, que eu ouvira muito frequentemente de muitos outros, de um velho *papagaio* que ele teve no *Brasil* durante seu governo lá, que falava, perguntava e respondia questões comuns como uma criatura racional, de modo que aqueles de sua comitiva concluíram, em geral, que se tratava de bruxaria ou possessão e um de seus capelães, que muito depois viveu na *Holanda*, nunca mais, desde aquele tempo, suportou um *papagaio* e dizia que todos tinham um demônio dentro de si. Eu havia ouvido muitos detalhes dessa história, asseverados por pessoas nas quais é difícil não acreditar, o que me fez perguntar ao *Príncipe Maurício* o que realmente se dera. Ele disse, com sua clareza usual e segura na fala, que havia algo verdadeiro, mas um bom montante falso, no que havia sido relatado. Desejei saber dele o que havia de verdadeiro; contou-me de modo curto e frio que havia ouvido falar desse velho *papagaio* quando chegou ao *Brasil* e, embora não acreditasse em nada disso e o *papagaio* estivesse num lugar bem distante, ainda assim teve tanta curiosidade a ponto de mandar buscá-lo. Ele era muito grande e muito velho e, quando, pela primeira vez, entrou no quarto em que o Príncipe estava, com vários *holandeses* a seu redor, disse imediatamente, *Que batalhão de homens brancos está aqui?* Perguntaram-lhe o que pensava que aquele homem fosse, apontando para o Príncipe. Respondeu, *Algum general ou similar*; quando o trouxeram para perto dele, ele lhe perguntou, *D’ou venes vous?*, respondeu, *De Marinnan*. O Príncipe, *A qui estes vous?* O Papagaio, *A un portugais*. Príncipe, *Que fais tu la?* Papagaio, *Je garde les poulles*. O Príncipe

²⁰⁸ Memoires of what past in Christendom from 1672 to 1679, p. 57/392. [Memoires of what past in Christendom from the war begun 1672 to the peace concluded 1679, de autoria de Sir William Temple, Londres, R. Chiswell, 1692, p. 57. O número 392, denominador da fração com que Locke dá a referência de sua citação, indica o número total de páginas da obra citada. O trecho que vai de “um relato que temos de um autor...” a “...eles teriam sido reconhecidos como homens e não papagaios?” é um acréscimo da quarta edição do Ensaio, publicada em 1700. (N. T.)]

riu e disse, *Vous gardez les poules?* O Papagaio respondeu, *Ouy, moy et je scay bien faire*; e imitou quatro ou cinco vezes o proá que as pessoas costumam fazer para galinhas quando as chamam.²⁰⁹ Registrei as palavras desse valioso diálogo em *francês*, exatamente como o Príncipe *Maurício* disse-as para mim. Perguntei-lhe em que língua o *papagaio* falava e ele disse que em *português*; perguntei-lhe se entendia *português*; disse que não, mas que havia tido o cuidado de ter dois intérpretes junto a ele, o primeiro um *holandês* que falava *português* e o outro um *brasileiro* que falava *holandês*, e que lhes perguntou separada e privadamente e ambos estavam em acordo dizendo-lhe exatamente a mesma coisa que o *papagaio* dissera. Não poderia deixar de contar essa história estranha porque é muito inusitada e obtida de primeira mão; ela pode passar como uma boa história, pois ousou dizer que ao menos o próprio Príncipe acreditava em tudo que me contou, tendo sempre sido considerado como um homem muito honesto e piedoso; deixo aos naturalistas avaliarem-na e aos outros homens acreditarem nela como lhes aprouver; entretanto, talvez não seja inadequado, às vezes, realçar ou tornar mais interessante uma cena rica com tais digressões, sejam ou não pertinentes.”

Tomei o cuidado para que o leitor tivesse a história por completo nas próprias palavras do autor, porque ele me parece não a ter considerado incrível, pois não se pode imaginar que um homem tão hábil como ele, que tinha capacidade suficiente para corroborar todos os testemunhos que ele mesmo fornece, realizasse tantos esforços, num lugar em que isso não tinha relevância, para burilar, não somente com base num homem que ele menciona como seu amigo, mas num Príncipe em quem reconhece enorme honestidade e piedade, uma história que, se ele mesmo considerasse incrível, ele nada poderia fazer senão também considerá-la ridícula. O Príncipe, isso é claro, que atesta essa história, e nosso autor que, a partir dele, a relata, ambos chamam esse falante de *papagaio*. Pergunto a quem mais acha essa história adequada para ser contada, se, no caso desse *papagaio* e de todos da sua espécie terem sempre falado como este, tal como temos a palavra do Príncipe a seu favor, se, digo, eles tivessem passado por uma raça de *animais racionais*, se, por tudo isso, ainda assim, eles teriam sido reconhecidos como homens e não *papagaios*? Presumo que não é somente a *ideia* de ser pensante ou racional que constitui a *ideia* de *homem* na opinião da maioria das pessoas, mas a de um corpo com este ou

²⁰⁹ “De onde vens?, respondeu, De Marinnan. O Príncipe, Quem é teu dono? O Papagaio, Um português. Príncipe, O que fazes? Papagaio, Tomo conta das galinhas. O Príncipe riu e disse, Tu tomas conta das galinhas? O Papagaio respondeu, Sim, eu mesmo, e sei fazer isso bem; e imitou quatro ou cinco vezes o proá que as pessoas costumam fazer para galinhas quando as chamam.” (N. T.)

aquele formato unido a ele; e, se essa for a *ideia* de *homem*, o mesmo corpo sucessivo, que não é alterado todo de uma vez, deve, assim como o mesmo espírito imaterial, contribuir para a constituição do mesmo *homem*.

§ 9. *Identidade Pessoal*. Sendo essa uma premissa para descobrir em que consiste a *identidade pessoal*, devemos analisar o que *pessoa* significa. *Pessoa*, penso eu, é um ser pensante inteligente que tem razão e reflexão e pode considerar a si mesmo como si mesmo²¹⁰ [*it self as it self*], a mesma coisa pensante em diferentes tempos e lugares, o que é feito somente pela consciência, que é inseparável do pensamento e, como me parece, lhe é essencial: é impossível para qualquer um perceber sem perceber que percebe. Quando vemos, ouvimos, cheiramos, degustamos, tocamos, meditamos ou desejamos alguma coisa, sabemos que fazemos isso. É sempre assim nas nossas sensações e percepções presentes e, por isso, cada um é para si mesmo [*to himself*] o que chama de *eu* [*self*]. Não se considera, neste caso, se o mesmo eu [*self*] subsiste na mesma ou em diversas substâncias. Dado que a consciência sempre acompanha o pensamento e que é ela que faz cada um ser o que chama de *eu* [*self*] e, desse modo, distinguir a si mesmo [*himself*] de todas as outras coisas pensantes, apenas nisso consiste a *identidade pessoal*, isto é, na mesmidade do ser racional. A identidade de uma pessoa tem um alcance tão grande quanto a consciência puder ser estendida retrospectivamente a uma ação ou pensamento do passado: trata-se agora do mesmo *eu* [*self*] que era antes e é pelo mesmo *eu* [*self*] do presente, que agora reflete sobre ela, que a ação foi feita.

§ 10. *A consciência constitui a identidade pessoal*. Contudo, deve-se investigar adiante se ele é uma mesma substância idêntica. Disso poucos pensariam ter razão para duvidar, se as percepções, com a consciência que se tem delas, sempre permanecessem presentes na mente, razão pela qual a mesma coisa pensante sempre estaria conscientemente presente e, como se poderia pensar, seria evidentemente a mesma para si mesma [*the same to it self*]. Contudo, o que parece levantar dificuldade é que, sendo a consciência sempre interrompida pelo esquecimento, não há momento nas nossas vidas em que temos a sequência inteira de todas as nossas ações passadas perante nossos olhos numa única visão. Até as melhores memórias perdem de vista uma parte enquanto veem outra; nós, às vezes, e isso na maior parte de nossas vidas, não refletimos sobre nossos eus passados [*past selves*], estando voltados para nossos pensamentos presentes, e, no sono profundo, não temos pensamento algum ou, ao menos,

²¹⁰ Outra tradução, menos literal, talvez seja possível: "...considerar a si mesmo como um eu...". (N. T.)

nenhum com a consciência que caracteriza nossos pensamentos quando estamos despertos. Em todos esses casos, digo que, estando nossa consciência interrompida e tendo nós perdido a visão de nossos *eus* passados [*past selves*], dúvidas podem ser levantadas se somos a mesma coisa pensante, isto é, a mesma substância ou não, o que, por mais razoável ou não razoável que seja, em nada diz respeito à *identidade pessoal*. A questão é o que constitui a mesma *pessoa* e não se ela é a mesma substância idêntica, que sempre pensa na mesma *pessoa*, o que, neste caso, não importa em nada. Diferentes substâncias, pela mesma consciência (se elas realmente compartilham-na), estão unidas numa única pessoa, assim como diferentes corpos, pela mesma vida, estão unidos num único animal, cuja *identidade* é preservada, na mudança de substâncias, pela unidade de uma única vida contínua. Sendo a mesma consciência que faz um homem ser ele mesmo para ele mesmo [*be himself to himself*], a *identidade pessoal* depende somente disso, tanto se ela estiver vinculada somente a uma substância individual ou puder se manter numa sucessão de várias substâncias. Um ser inteligente é o mesmo *eu pessoal* [*same personal self*] tanto quanto puder repetir a *ideia* de qualquer ação passada com a mesma consciência que teve dela originalmente e com a mesma consciência que tem de qualquer ação presente, pois é pela consciência que tem de seus pensamentos e ações presentes que ele é um *eu* para *si* mesmo agora [*it is self to it self now*] e, assim, será o mesmo eu [*self*] tanto quanto a mesma consciência puder se estender a ações passadas ou vindouras; e não seria, pela distância no tempo ou mudança de substância, duas *pessoas* mais do que um homem não é dois homens por vestir roupas diferentes hoje e ontem com um sono longo ou curto no intervalo: a mesma consciência une essas ações distantes na mesma *pessoa*, quaisquer que tenham sido as substâncias que contribuíram para produzi-las.

§ 11. *A identidade pessoal na mudança de substâncias*. De que isso é assim, temos alguma espécie de comprovação nos nossos próprios corpos, cujas partículas, enquanto vitalmente unidas a esse mesmo eu pensante consciente [*same thinking conscious self*], de modo que sintamos quando são tocadas e afetadas e tenhamos consciência do bem ou do dano que acontece a elas, são parte de nossos eus [*selves*], isto é, de nosso *eu* pensante consciente [*thinking conscious self*]. Sendo assim, os membros do corpo são, para cada um, uma parte de *si mesmo* [*of himself*]: cada um se compadece e se preocupa com eles. Ampute uma mão e, dessa maneira, separe-a da consciência que tínhamos de seu calor, frio e outras afecções: ela então não é mais uma parte daquilo que é o *si mesmo* [*himself*], não mais do que a mais remota parte da matéria. Portanto, vemos que a *substância*, na qual o *eu pessoal* [*personal self*] consistia num certo tempo, pode variar em outro sem mudança da *identidade* pessoal. Não há questão

alguma de que se trata da mesma pessoa, embora os membros, que há pouco eram uma parte dela, tenham sido amputados.

§ 12. §§ 12-15: *E no caso de mudança de substâncias pensantes.* Contudo, a questão é: se a mesma substância, que pensa, for mudada, pode ser a mesma pessoa ou, permanecendo a mesma, pode ser diferentes pessoas.

Respondo, primeiramente, que isso não pode de modo algum ser uma questão para aqueles que colocam o pensamento numa constituição puramente material, animal, vazia de uma substância imaterial, pois, seja verdadeira ou não a suposição deles, é claro que concebem que a identidade pessoal é preservada em algo diferente da identidade da substância, como a identidade animal é preservada na identidade da vida, não da substância. Por isso, aqueles que colocam o pensar somente numa substância imaterial, antes de poderem lidar com esses homens, devem mostrar porque a identidade pessoal não pode ser preservada na mudança de substâncias imateriais ou na variedade de substâncias imateriais particulares, assim como a identidade animal é preservada na mudança de substâncias materiais ou na variedade de corpos particulares, a menos que digam que é um espírito imaterial que constitui a mesma vida nos animais, como é um espírito imaterial que constitui a mesma pessoa nos homens, o que ao menos os *cartesianos* não aceitarão, por medo de fazer dos animais coisas pensantes também.

§ 13. A seguir, quanto à primeira parte da questão, se, caso a mesma substância pensante (supondo que somente substâncias imateriais pensam) mude, ela pode ser a mesma pessoa, respondo que isso não pode ser resolvido senão por aqueles que sabem que espécie de substância que pensa eles são e se a consciência de ações passadas pode ser transferida de uma substância pensante para outra. Concedo que, se a mesma consciência fosse a mesma ação individual, isso não poderia acontecer, mas, sendo ela a representação presente de uma ação passada, resta mostrar porque não pode ser possível que aquela ação seja representada na mente como tendo sido feita, quando realmente nunca foi. Portanto, será difícil para nós determinar o quanto a consciência de ações passadas está vinculada a um certo agente individual, de modo que outro não possa tê-la, até que saibamos que espécie de ação é essa que não pode ser feita sem um ato reflexo de percepção acompanhando-a e como é realizada por substâncias pensantes que não podem pensar sem estarem conscientes disso. Contudo, não sendo o mesmo ato individual o que chamamos de *mesma consciência*, será difícil concluir a partir da natureza das coisas por que uma substância intelectual não pode ter representado para si, como feito por si mesma [*to it, as done by it self*], o que ela nunca fez e que talvez tenha sido feito por algum outro agente, por que, digo, essa representação não pode possivelmente existir sem a realidade de uma questão de fato, tal como são várias representações em sonhos que, ainda assim,

enquanto dormimos, tomamos como verdadeiras. Que isso nunca é assim, até que tenhamos posições mais claras acerca da natureza das substâncias pensantes, resolveremos melhor recorrendo à bondade de Deus, que, tanto quanto a felicidade ou a miséria de qualquer de suas criaturas sencientes estiver implicada nisso, não transferirá de uma para outra, por um erro fatal delas, a consciência que comporta consigo recompensa e punição. Deixo para ser considerado em que medida esse pode ser um argumento contra aqueles que colocariam o pensar num sistema de espíritos animais cambiantes. Contudo, para voltar à questão diante de nós, deve-se admitir que, se a mesma consciência (que, como foi mostrado, é uma coisa bem diferente da mesma figura ou movimento numéricos no corpo) puder ser transferida de uma substância pensante para outra, será possível que duas substâncias pensantes possam constituir uma única pessoa, pois, sendo a mesma consciência preservada, seja na mesma ou em substâncias diferentes, a identidade pessoal é preservada.

§ 14. Quanto à segunda parte da questão, se, permanecendo a mesma substância imaterial, pode haver duas pessoas diferentes; essa questão me parece estar construída sobre isto: se o mesmo ser imaterial, estando consciente das ações de sua duração passada, pode ser completamente despido de toda a consciência de sua existência passada e perdê-la além do poder de alguma vez recuperá-la novamente; e, como se estivesse começando um novo registro a partir de um novo período, ter uma consciência que não pode alcançar além desse novo estado. Todos aqueles que sustentam a pré-existência têm, evidentemente, essa opinião, dado que admitem que a alma não possui consciência remanescente do que fez naquele estado pré-existente, estando completamente separada do corpo ou dando forma a qualquer outro corpo; e, se não a tivessem, é claro que a experiência estaria contra eles. Sendo assim, a identidade pessoal não alcançando nada além do que a consciência alcança, um espírito pré-existente que não tenha subsistido tantas épocas num estado de obliúvio deve necessariamente constituir diferentes pessoas. Suponha que um *platônico* ou *pitagórico* cristão pensasse que, por ter Deus terminado todas as suas obras da criação no sétimo dia, sua alma existisse desde então, e imaginasse que ela habitou vários corpos humanos, como eu certa vez encontrei um que estava persuadido de que a sua havia sido a alma de *Sócrates* (o quão razoavelmente, não vou discutir. Isto eu sei, que no posto que ele ocupava, que não era desprezível, ele era tido como um homem muito racional e suas publicações mostraram que ele não carecia de talentos ou erudição), alguém diria que ele, não estando consciente de nenhuma das ações ou pensamentos de *Sócrates*, poderia ser a mesma pessoa que *Sócrates*? Deixemos que alguém reflita sobre si mesmo [*upon himself*] e conclua que tem em si mesmo [*in himself*] um espírito imaterial, o qual

é aquilo que nele pensa e, na constante mudança do corpo, mantém-no o mesmo, e é aquilo que ele chama de si mesmo [*himsel*]. Deixemos que ele também suponha que seja a mesma alma que estava em *Nestor* ou *Thersites* no cerco de Troia (pois, sendo as almas, tanto quanto sabemos alguma coisa sobre sua natureza, indiferentes a qualquer parcela da matéria, a suposição não tem em si nenhum absurdo aparente), o que pode ter sido, tal como agora é a alma de um outro homem qualquer. Contudo, não tendo agora consciência de nenhuma das ações, seja de *Nestor*, seja de *Thersites*, ele é ou pode conceber a si mesmo como sendo a mesma pessoa que algum dos dois? Pode ele estar implicado nas ações de ambos? Pode ele atribuí-las a si mesmo ou pensar que elas lhe são próprias mais do que as ações de qualquer outro homem que alguma vez existiu? Sendo assim, não alcançando essa consciência quaisquer das ações de ambos daqueles homens, ele não constitui um *eu* [*self*] com qualquer um deles mais do que se a alma ou espírito imaterial, que agora lhe dá forma, tivesse sido criado e começado a existir quando começou a dar forma a seu corpo presente, mesmo que nunca tivesse sido tão verdadeiro que o mesmo espírito que deu forma ao corpo de *Nestor* ou *Thersites* fosse numericamente o mesmo que agora dá forma ao seu. Com efeito, isso não o faria mais a mesma pessoa que *Nestor* do que se alguma das partículas de matéria que, uma vez, foram parte de *Nestor* fossem agora parte desse homem; a mesma substância imaterial sem a mesma consciência não constitui a mesma pessoa por estar unida a um certo corpo mais do que a mesma partícula de matéria sem a consciência unida a um certo corpo constitui a mesma pessoa. Contudo, caso ele alguma vez descubra a si mesmo consciente de qualquer das ações de *Nestor*, ele então descobrirá a si mesmo como a mesma pessoa que *Nestor*.

§ 15. E, assim, podemos ser capazes, sem dificuldade alguma, de conceber uma mesma pessoa na Ressurreição, embora num corpo não exatamente, no aspecto ou nas partes, o mesmo que teve aqui, a mesma consciência acompanhando a alma que o habita. Contudo, apenas a alma na mudança de corpos dificilmente seria suficiente para constituir o mesmo *homem*, exceto para quem faz da alma o *homem*. Com efeito, caso a alma de um Príncipe, carregando consigo a consciência da vida passada do Príncipe, entrasse e desse forma ao corpo de um sapateiro tão logo fosse abandonado pela sua própria alma, todo mundo vê que ele seria a mesma pessoa que o Príncipe, responsável somente pelas ações do Príncipe, mas quem diria que era o mesmo homem? O corpo também participa da constituição do homem e para todo mundo, creio, determinaria o homem neste caso, no qual a alma, com todos os pensamentos de príncipe sobre ela, não constituiria outro homem: ele seria o mesmo sapateiro para todos, exceto para si mesmo. Sei que, no modo de falar ordinário, a mesma pessoa e o mesmo homem representam uma e a mesma coisa e, de fato, cada um sempre terá liberdade de falar como lhe aprouver, de

aplicar sons articulados às *ideias* que considerar adequadas e de mudá-las tão frequentemente quanto lhe aprouver. Contudo, quando investigamos o que constitui o mesmo *espírito, homem* ou *pessoa*, devemos fixar as *ideias* de *espírito, homem* ou *pessoa* nas nossas mentes e, tendo decidido o que queremos dizer com a elas, não será difícil determinar, em cada uma delas, ou parecidas, quando é a *mesma* e quando não é.

§ 16. *A consciência constitui a mesma pessoa.* Contudo, apesar de a mesma substância imaterial ou alma, esteja onde estiver e em que estado for, não constituir sozinha o mesmo homem, ainda assim é claro que é a consciência, tanto quanto puder se estender, mesmo a épocas passadas, que une existências e ações muito remotas no tempo numa mesma pessoa, bem como une a existência e ações do momento imediatamente precedente, de modo que o que quer que tenha a consciência de ações presentes e passadas é a mesma pessoa a quem ambas pertencem. Tivesse eu a mesma consciência de que vi a Arca de Noé e o Dilúvio como a de que vi uma enchente do Tâmis no inverno passado, ou como a de que escrevo agora, não poderia duvidar de que eu [*I*], que escrevo agora, que vi o Tâmis transbordar no inverno passado e que vi a inundação no Dilúvio Universal, era o mesmo *eu* [*self*], coloque você esse *eu* [*self*] na substância que lhe aprouver, mais do que que este eu [*I*], que escrevo isto, sou o mesmo *eu mesmo* [*same my self*] agora enquanto escrevo (consista eu [*I*] completamente na mesma substância, material ou imaterial, ou não) que eu [*I*] fui ontem. Com efeito, quanto a esse ponto de ser o mesmo *eu* [*self*], não importa se esse *eu* presente [*present self*] é constituído pela mesma ou por diferentes substâncias, desde que eu esteja tão preocupado e seja tão justamente responsável por qualquer ação feita há mil anos, associada a mim agora por essa autoconsciência [*self-consciousness*], quanto eu sou pelo que fiz no último momento.

§ 17. *O eu* [*self*] *depende da consciência.* *Eu* [*self*] é a coisa consciente pensante (seja ela feita de qualquer substância: se espiritual ou material, simples ou composta, isso não importa) que é senciente ou consciente de prazer e dor, capaz de ser feliz ou miserável e, assim, que está preocupada com si *mesma* [*it self*] tanto quanto sua consciência se estende. Portanto, todos acham que, enquanto estiver compreendido naquela consciência, o dedo mínimo é parte de seu *eu* [*it self*] como o que mais o é. Depois da separação desse dedo mínimo, se a consciência acompanhasse o dedo mínimo e deixasse o resto do corpo, é evidente que o dedo mínimo seria a *pessoa, a mesma pessoa*, e o *eu* [*self*] não teria então nada a ver com o resto do corpo. Tal como neste caso é a consciência que acompanha a substância, quando uma parte é separada da outra, consciência que perfaz a mesma *pessoa* e constitui esse *eu* [*self*] inseparável dela, assim também acontece com referência a substâncias remotas no tempo. Aquilo com que

a *consciência* dessa coisa pensante presente pode unir a si mesma perfaz a mesma *pessoa* e é um *eu [self]* com ela e com nada mais; e então ela atribui a si *mesma [attributes to it self]* e assume todas as ações daquilo como suas próprias tanto quanto sua *consciência* alcança e nada além; como todos que refletem perceberão.

§ 18. §§ 18-20: *Objeto de recompensa e punição*. Nessa *identidade pessoal* está fundado todo direito e justiça de recompensas e punições; de felicidade e miséria, que são aquilo com que cada um está preocupado acerca de *si mesmo [himself]*, não importando o que ocorra a qualquer substância não ligada à ou afetada pela *consciência*. Com efeito, como é evidente no exemplo que dei há pouco, se a *consciência* acompanhasse o dedo mínimo, quando amputado, ela seria o mesmo *eu [self]* que estava preocupado com o corpo inteiro ontem por fazer parte de *si mesmo [of it self]*, cujas ações, por conseguinte, tem de reconhecer como suas agora. No entanto, se o mesmo corpo permanecesse vivo e imediatamente depois da separação do dedo mínimo obtivesse sua própria *consciência* peculiar, da qual o dedo mínimo nada soubesse, este em nada estaria preocupado com ele como parte de *si mesmo [of it self]*, nem poderia apropriar-se de qualquer de suas ações ou ter qualquer uma delas imputada a si.

§ 19. Isso pode nos mostrar em que a *identidade pessoal* consiste: não em identidade de substância, mas, como disse, em identidade de *consciência*, a qual, se é concordante em Sócrates e no atual prefeito de *Quinborough*, eles são a mesma pessoa. Se o mesmo *Sócrates* desperto e dormindo não compartilham a mesma *consciência*, *Sócrates* desperto e dormindo não são a mesma pessoa, e punir *Sócrates* desperto pelo que *Sócrates* dormindo pensou, e do que *Sócrates* desperto nunca esteve consciente, não seria mais correto do que punir um gêmeo pelo que seu irmão fez, do que ele nada soube, porque suas aparências são tão semelhantes que não poderiam ser distinguidos; gêmeos desse tipo já foram vistos.

§ 20. Contudo, possivelmente ainda se objetará o seguinte: suponha que eu perca completamente a memória de algumas partes da minha vida, além da possibilidade de recuperá-las, de modo que talvez eu jamais me torne consciente delas de novo; não sou eu ainda a mesma pessoa que fez aquelas ações, teve aqueles pensamentos dos quais uma vez fui consciente, embora eu agora os tenha esquecido? A isso respondo que devemos aqui dar atenção àquilo a que a palavra *eu [I]* se aplica, que neste caso é somente ao homem. Presumindo-se que o mesmo homem seja a mesma pessoa, supõe-se facilmente aqui que *eu [I]* representa também a mesma pessoa. Contudo, se for possível para o mesmo homem ter *consciências* distintas que não podem ser compartilhadas em diferentes tempos, sem dúvida o mesmo homem, em tempos diferentes, seria pessoas diferentes; esse, vemos, é o sentido de humanidade na mais solene declaração de suas opiniões: as leis humanas não punem o *homem louco* pelas ações do *homem sensato*, nem

o *homem sensato* pelo que o *homem louco* fez, constituindo-os, pois, duas pessoas; o que é de algum modo explicado pela nossa maneira de falar em *inglês*, quando dizemos que alguém *não está em si* [*is not himself*] ou *está fora de si* [*besides himself*]; frases em que isso se insinua, como se aqueles que agora ou, ao menos, os que primeiramente as usaram tivessem pensado que o *eu* [*self*] mudou, que a mesma pessoa, o *eu*, [*self same person*] não estava mais naquele homem.

§ 21. §§ 21-22: *Diferença entre identidade de homem e pessoa*. Contudo, ainda assim é difícil conceber que *Sócrates*, o mesmo homem individual, seja duas pessoas. Para ajudar-nos nisso um pouco, devemos analisar qual o significado de *Sócrates* ou de mesmo *homem* individual.

Primeiramente, deve ser ou a mesma substância pensante individual, imaterial; em síntese, a mesma alma numérica e nada mais.

Em segundo lugar, ou o mesmo animal, sem qualquer consideração sobre uma alma imaterial.

Em terceiro lugar, ou o mesmo espírito imaterial unido ao mesmo animal.

Agora, assuma qual dessas suposições lhe aprouver, é impossível fazer a identidade pessoal consistir em qualquer coisa exceto na consciência ou alcançar algo além do que ela alcança.

Pela primeira delas, deve-se admitir como possível que um homem nascido de mulheres diferentes, em tempos distantes, possa ser o mesmo homem. Quem aceita essa maneira de falar deve admitir como possível que um mesmo homem seja duas pessoas diferentes, como quaisquer duas que viveram em épocas diferentes sem o conhecimento dos pensamentos uma do outra.

Pela segunda e terceira, *Sócrates* nesta vida e depois dela não pode ser o mesmo homem de modo algum, senão pela mesma consciência e, assim, fazendo a *identidade humana* consistir na mesma coisa na qual localizamos a *identidade pessoal*, não haverá dificuldade para admitir que o mesmo homem seja a mesma pessoa. Então, contudo, quem localiza a *identidade humana* somente na consciência, e em nada mais, deve considerar como fará com que o *Sócrates* criança seja o mesmo homem que *Sócrates* depois da Ressurreição. O que quer que, para alguns homens, constitua o *homem* e, conseqüentemente, o mesmo homem individual, em que talvez poucos estejam de acordo, a identidade pessoal não pode ser por nós localizada em nada senão na consciência (que é, sozinha, o que constitui o que chamamos de *eu* [*self*]) sem nos envolver em grandes absurdos.

§ 22. Contudo, se um homem bêbado e sóbrio não é a mesma pessoa, por que ele é punido pelo fato cometido quando bêbado, embora nunca esteja, em algum momento posterior, consciente dele? Exatamente na medida em que é a mesma pessoa, como um homem que anda e faz outras coisas no sono é a mesma pessoa e é responsabilizável por qualquer mal feito que tenha realizado. As leis humanas punem ambos com uma justiça apropriada à sua maneira de conhecer, porque, nesses casos, elas não podem distinguir certamente o que é real, o que é contrafação e, assim, a ignorância na ebriedade ou no sono não é aceita como desculpa. Com efeito, embora a punição esteja vinculada à personalidade, e a personalidade à consciência, e o bêbado talvez não esteja consciente do que fez, ainda assim os tribunais humanos punem-no com justiça, porque o fato contra ele está provado, mas a falta de consciência não pode ser provada a favor dele. Contudo, no Grande Dia,²¹¹ no qual os segredos de todos os corações haverão de ser postos à mostra, é razoável pensar que ninguém deverá ser obrigado a responder por aquilo de que nada sabe, mas haverá de receber seu veredito, sua consciência²¹² acusando-o ou escusando-o.

§ 23. §§ 23-25: *Somente a consciência constitui o eu.* Nada senão a consciência pode unir existências remotas na mesma pessoa, a identidade de substância não fará isso, pois, seja qual for a substância que exista, o modo como estiver moldada, sem a consciência, não há pessoa: ou um cadáver poderia ser uma pessoa, assim como qualquer tipo de substância poderia sê-lo sem consciência.

Se pudéssemos supor duas consciências distintas que não podem ser compartilhadas fazendo agir um mesmo corpo, uma ininterruptamente durante o dia, a outra de noite; e, por outro lado, a mesma consciência fazendo agir, por intervalos, dois corpos distintos: pergunto, no primeiro caso, se o *homem diurno* e o *noturno* não seriam duas pessoas tão distintas como *Sócrates* e *Platão*, e se, no segundo caso, não haveria uma única pessoa em dois corpos

²¹¹ Referência ao Juízo Final, cuja fonte parece ser Romanos 2:16. (N. T.)

²¹² Locke emprega aqui não *consciousness*, mas *conscience*, o que implica o sentido de consciência ou juízo moral, como ocorre em Romanos 2:15-16, uma das fontes desse parágrafo ao lado de 1 Cor 14:25. Esse é, aliás, o significado que o próprio Locke lhe dá no primeiro livro do Ensaio (I.3§8): “Conscience... é apenas nossa própria opinião ou juízo da retidão ou depravação moral de nossas próprias ações”. Quando, no debate sobre a tolerância, Locke defende a “liberdade de consciência”, ele fala em *liberty of conscience*, como consta logo da primeira linha do Ensaio sobre a tolerância, de 1667, e das respostas a Proast, de 1690 e 1692, que foram redigidas em inglês; na Epistola de Tolerantia, o termo empregado é *conscientia*, traduzido por Popple como *conscience*. O latim, assim como o português e o francês, não conhece a diferença lexical que o inglês e o alemão admitem; no caso deste último, entre *Gewissen* e *Bewusstsein*. *Consciousness* é um neologismo da língua inglesa surgido no século XVII, cuja primeira ocorrência se deu alguns anos antes, em 1678, na obra *O verdadeiro sistema intelectual do universo* de R. Cudworth (1617-1688). (N. T.)

distintos, assim como um único homem é o mesmo em duas roupas distintas. Não é pertinente dizer que essa *consciência*, ora a mesma, ora distinta, nos casos mencionados acima deve-se a substâncias imateriais, ora as mesmas, ora distintas, levando-a com elas àqueles corpos, o que, se verdadeiro ou não, não altera o caso, dado que é evidente que a *identidade pessoal* seria igualmente determinada pela consciência, estivesse ou não a consciência vinculada a alguma substância imaterial individual. Concedendo-se que se deve necessariamente supor que a substância pensante no homem é imaterial, é evidente que essa coisa pensante imaterial pode às vezes perder sua consciência passada e restaurá-la de novo, como se dá no esquecimento que os homens frequentemente têm de suas ações passadas e a mente muitas vezes recupera a memória de uma consciência passada, que perdera por completos vinte anos. Faça com que esses intervalos de memória e esquecimento aconteçam regularmente dia e noite e você terá duas pessoas com o mesmo espírito imaterial, assim como, no exemplo anterior, duas pessoas com o mesmo corpo, de modo que o *eu [self]* não é determinado pela identidade ou diversidade de substância, da qual não pode estar certo, mas somente pela identidade de consciência.

§ 24. De fato, ele pode conceber que a substância da qual agora é constituído existiu anteriormente, unida ao mesmo ser consciente, mas, uma vez removida a consciência, aquela substância não é mais ele *mesmo [it self]*, ou não faz mais parte dele do que qualquer outra substância, como é evidente no exemplo que já demos de um membro amputado, de cujo calor ou frio ou outras afecções não mais tendo consciência alguma, ele não pertence mais ao eu *[self]* de um homem do que qualquer outra matéria do universo. Ocorrerá algo semelhante com referência a qualquer substância imaterial, que está vazia da consciência pela qual eu sou meu *eu para mim mesmo [I am my self to my self]*. Se houver alguma parte de sua existência que eu *[I]* não possa, por meio de rememoração, juntar à consciência presente, pela qual eu sou agora meu *eu [I am now my self]*, ela, naquela parte de sua existência, não é meu *eu [self]* mais do que qualquer outro ser imaterial, pois, seja o que for que uma certa substância pensou ou fez, que não posso rememorar e pela minha consciência tornar meu próprio pensamento e ação, isso não pertencerá a mim, mesmo se uma parte de mim o pensou ou fez, mais do que se tivesse sido pensado ou feito por qualquer outro ser imaterial existindo seja onde for.

§ 25. Concordo que a opinião mais provável é que essa consciência está vinculada e é a afecção de uma única substância imaterial individual.

Contudo, deixem os homens, de acordo com suas diversas hipóteses, resolverem-se acerca disso como lhes aprouver. Todo ser inteligente, sensível à felicidade ou miséria, deve conceder que há alguma coisa que é *ele mesmo [himself]*, com a qual está preocupado e gostaria

de fazer feliz; que esse *eu* [*self*] tem existido numa duração contínua por mais do que um instante e, portanto, é possível que possa existir, como tem feito, por meses e anos vindouros, sem quaisquer limites certos a serem postos a sua duração; e que pode ser o mesmo *eu* [*self*], pela mesma consciência, subsistente no futuro. Então, por essa consciência, ele descobre a si mesmo [*himself*] sendo o *mesmo eu* [*same self*] que fez, há alguns anos, esta ou aquela ação pela qual acontece de estar feliz ou miserável agora. Em toda essa explicação do *eu* [*self*], não se considera que a mesma substância numérica constitua o mesmo *eu* [*self*], mas a mesma consciência contínua, à qual muitas substâncias podem ter sido unidas, e novamente dela separadas, as quais, enquanto se mantiveram numa união vital com aquilo em que a consciência então residia, constituíram uma parte daquele mesmo *eu* [*self*]. Então, qualquer parte de nossos corpos vitalmente unida àquilo que é consciente em nós constitui uma parte de nossos *eus* [*selves*]. Contudo, com a separação da união vital, por meio da qual a consciência é transmitida, aquilo que, momentos antes, era parte de nossos *eus* [*selves*], agora não mais o é do que uma parte do *eu* [*self*] de outro homem é parte de mim; e não é impossível que, em pouco tempo, possa tornar-se uma parte real de outra pessoa. Assim, temos a mesma substância numérica tornando-se uma parte de duas pessoas diferentes e a mesma pessoa preservando-se sob a mudança de várias substâncias. Se pudéssemos supor um espírito completamente despido de toda sua memória ou consciência das ações passadas, como descobrimos que nossas mentes sempre estão de uma grande parte das nossas, e às vezes de todas elas, a união ou separação de uma tal substância espiritual não provocaria variação alguma da identidade pessoal, não mais do que aquela que uma partícula de matéria provoca. Qualquer substância vitalmente unida ao ser pensante presente é uma parte do *mesmíssimo eu* [*very same self*] que existe agora. Qualquer coisa unida a ele pela consciência de ações anteriores também constitui uma parte do *mesmo eu*, que é o mesmo tanto antes como agora.

§ 26. §§ 26-27: *Pessoa como um termo forense.* *Pessoa*, como o entendo, é o nome para esse *eu* [*self*]. Onde quer que um homem encontre o que chama de *si mesmo* [*himself*], penso que aí outro homem pode dizer que se encontra a mesma *pessoa*. É um termo forense que associa as ações e seus méritos e, assim, pertence somente a agentes inteligentes capazes de lei, felicidade e miséria. Essa personalidade estende a *si mesma* [*it self*] além da existência presente ao que é passado somente pela consciência, pela qual se implica e se torna responsável, apropria-se e imputa a *si mesma* [*it self*] ações passadas, exatamente a partir do mesmo fundamento e pela mesma razão que o faz com relação às ações presentes. Tudo isso está fundado numa preocupação com a felicidade, que é inevitavelmente concomitante à consciência, pois quem é consciente de prazer e dor deseja que o *eu* [*self*], que é consciente,

seja feliz. Portanto, quaisquer ações passadas que ele não possa conciliar com ou associar a esse *eu* presente [*presente self*] pela consciência, com elas não pode estar mais implicado do que se elas nunca tivessem sido feitas; de modo que receber prazer ou dor, isto é, recompensa ou punição, pela responsabilidade de uma dessas ações é a mesma coisa que ser feito feliz ou miserável no começo de sua existência ser ter mérito ou demérito algum. Com efeito, supondo que um homem seja punido agora pelo que fizera noutra vida, da qual não se poderia fazê-lo ter consciência, que diferença há entre essa punição e ter sido criado miserável? Portanto, em conformidade com isso, o Apóstolo nos diz que no Grande Dia, quando todos deverão *receber de acordo com seus feitos, os segredos de todos os corações haverão de ser postos à mostra*.²¹³ A sentença será justificada pela consciência que todas as pessoas terão de que eles *mesmos* [*they themselves*], em qualquer corpo em que estiverem, em qualquer substância a que a consciência aderir, são os *mesmos* que cometeram aquelas ações e merecem a punição por elas.

§ 27. Estou suficientemente suscetível a pensar que, tratando desse tema, fiz algumas suposições que parecerão estranhas a alguns leitores e possivelmente elas o são em si mesmas. Contudo, ainda assim penso que elas são como que perdoáveis nesta ignorância em que estamos da natureza da coisa pensante que está em nós e que vemos como nossos *eus* [*as our selves*]. Se soubéssemos o que ela é ou como está ligada a certo sistema de espíritos animais cambiantes; ou se poderia ou não realizar suas operações de pensamento e memória fora de um corpo organizado como é o nosso; e se aprouve a Deus que um tal espírito nunca estivesse unido senão a um corpo como esse, de cuja correta constituição dos órgãos sua memória dependesse, talvez víssemos o absurdo de algumas daquelas suposições que fiz. Contudo, tomando, como comumente fazemos agora (na escuridão acerca dessas matérias), a alma de um homem como uma substância imaterial, independente da matéria e igualmente indiferente a tudo isso, não pode haver, a partir da natureza das coisas, absurdo algum em supor que a mesma alma possa, em diferentes tempos, estar unida a diferentes corpos e com eles constituir, durante aquele tempo, um homem, assim como supomos que uma parte do corpo de um ovino ontem pode vir a ser uma parte do corpo de um homem amanhã e nessa união constituir uma parte vital do próprio *Melibeu*, assim como constituiu de seu carneiro.²¹⁴

²¹³ Cf. 1 Cor 14:25 e 2 Cor 5:10.

²¹⁴ Referência aos Contos da Cantuária de Geoffrey Chaucer (1340-1400). (N. T.)

§ 28. *A dificuldade decorrente do mau uso dos nomes.* Para concluir, qualquer substância que passe a existir deve ser, durante sua existência, necessariamente a mesma. Quaisquer composições de substâncias que passem a existir, durante a união dessas substâncias, o conjunto deve ser o mesmo. Qualquer modo que passe a existir, durante sua existência, é o mesmo. E, assim, se a composição for de substâncias distintas e modos diferentes, a mesma regra continua valendo. A partir disso se mostra que a dificuldade ou obscuridade que há nesse assunto surge antes dos nomes mal usados do que de alguma obscuridade nas próprias coisas, pois, o que quer que constitua uma *ideia* específica à qual o nome se aplica, se a *ideia* for prontamente conservada, a distinção de algo entre ser o mesmo e diverso será facilmente concebida, e não poderá surgir dúvida alguma sobre isso.

§ 29. *A existência contínua constitui a identidade.* Supondo que a *ideia* de um *homem* seja a de um espírito racional, é fácil saber o que é o *mesmo homem*, isto é, que o *mesmo espírito*, se separado ou num corpo, será o *mesmo homem*. Supondo que um espírito racional vitalmente unido a um corpo com certa conformação de partes constitua um *homem*, enquanto esse espírito racional com aquela conformação vital de partes, embora mantida num corpo cambiante sucessivo, permanecer, ele será o *mesmo homem*. Contudo, se para alguém a *ideia* de um *homem* for apenas a união vital de partes num certo formato, enquanto essa união vital e formato permanecerem num conjunto que é o mesmo de nenhum outro modo senão por uma sucessão contínua de partículas cambiantes, ele será o mesmo *homem*. Com efeito, qualquer que seja a composição a partir da qual a *ideia* complexa é elaborada, sempre que a existência a fizer uma coisa particular sob uma certa denominação, se a mesma existência se mantiver, ela a preservará no mesmo indivíduo sob a mesma denominação.